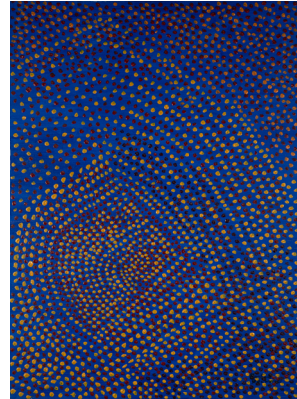


Sonho e Profecia evangélico-pentecostal no Brasil atual

MARCELO CAMURÇA

RESUMO: Este artigo discute a apropriação do Profetismo do Antigo Testamento pelo meio evangélico-pentecostal na forma de mensagens divinas sobre destinos políticos e morais da sociedade brasileira. Identifica a intolerância contra outras religiões e modos de vida seculares em lideranças evangélicas, por meio da ideia de um “povo escolhido” por Deus veiculada no texto bíblico. Este imaginário se legitima não no discurso racional, mas em sonhos, visões e revelações de profecias.

PALAVRAS-CHAVE: Sonho. Profecia. Evangélicos-pentecostais. Brasil.



Dream and Prophecy in evangelical-Pentecostal culture in Brazil today

ABSTRACT: This article discusses the appropriation of Old Testament Prophecy by the evangelical-Pentecostal community in the form of divine messages about the political and moral destinies of Brazilian society. It identifies intolerance against other religions and secular ways of life among evangelical leaders, through the idea of a “people chosen by God” conveyed in the biblical text. This imaginary is legitimized not in rational discourse, but in dreams, visions and revelations of prophecies.

KEY WORDS: Dream. Prophecy. Evangelical-Pentecostals. Brazil.

MARCELO CAMURÇA

Professor Titular do Departamento de
Ciência da Religião na Universidade
Federal de Juiz de Fora (UFJF).
Pesquisador e bolsista produtividade
do CNPQ.
E-mail: mcamurca@terra.com.br

DATA DE ENVIO: 04/05/2024

DATA DE APROVAÇÃO: 17/12/2024

1 Introdução¹

Nos últimos tempos no Brasil vimos assistindo em plena modernidade um comportamento moral e social de muitos cristãos evangélico-pentecostais marcado pela crença em mensagens divinas captadas por visionários (auto identificados como apóstolos e missionários) reconhecidos pelos primeiros como autorizados para predição dos destinos da sociedade, dos indivíduos e ainda da definição do jogo do poder político.

De onde viria então, a legitimidade destas práticas de revelação na forma de sonhos e visões recebidas como forma de conhecimento sobre a realidade para este segmento religioso de nossa população? Sobrepujando aquele proveniente da ciência política, social, econômica e psicológica.

Em que terreno de verossimilhança estas condutas se apoiariam? Pelo que afirmam e praticam, não há dúvida que nas narrativas das visões e profecias contidas no Velho Testamento, recebidas pelos escolhidos por Yavé para serem seus porta-vozes. Então, pode-se observar uma clara conexão e uma presentificação dos profetas da antiguidade nestes que se arrogam como os seus sucessores.

De há muito, Otávio Velho vinha insistindo – pelo menos para as populações ribeirinhas amazônicas onde havia pesquisado – na importância de uma “cultura bíblica” como um referencial para identificação do mal, da lei e da libertação nas religiões populares (Velho, 1995). Da mesma forma, Carlos Steil para os romeiros católicos dos santuários populares do Nordeste, falava de uma “narrativa bíblica” impregnada na cultura oral, levando a “história a se fazer mito” (Steil, 1996).

E esta referência a Bíblia vale mais ainda, agora que estamos focando o meio evangélico, marcado pela centralidade do texto bíblico da “sola scriptura” como única fonte de verdade. E em destaque dentro dele, a predileção pelo Antigo Testamento, provinda principalmente dos segmentos evangélico-pentecostais, onde adquire centralidade no seu imaginário e práticas religiosas.

1 Uma primeira versão deste texto foi apresentada no Seminário “O Sono e os Sonhos: saúde mental e vida social” realizado em Fortaleza entre 27 de novembro e 1 dezembro de 2023. Sobre as ideias e reflexões desenvolvidas nele, agradeço as sugestões e orientações da minha colega Elisa Rodrigues.

E isto vem se traduzindo em evidências, como a arquitetura do Templo de Salomão (Swatowski, 2021), as novelas bíblicas da TV (Scola, 2017) as peregrinações a Jerusalém (Frossard, 2013) e no seguimento a um *sionismo cristão* (Carranza; Machado; Mariz, 2023, p. 209-213).

Então, para verificar esta apropriação do imaginário bíblico pelo segmento evangélico-pentecostal e sua expressão através das visões oníricas e revelações divinas que ocorrem nesse meio, se fez necessário uma incursão no contexto da Antiguidade de Israel, originalmente o *locus* de onde se originam as mensagens divinas através das visões dos “homens santos” da época. Trabalho este, feito ainda de forma panorâmica e generalizante, devido à minha falta de formação em teologia e história/hermenêutica bíblica e do cristianismo.

Na verdade, esta prática preditiva foi relacionada ao que ficou conhecido pela teologia e a história das religiões como Profetismo. Este foi um fenômeno comum na antiguidade do antigo oriente, particularmente em Israel, difundido através dos relatos bíblicos (Reimer, 2008) que apresenta a figura do profeta como alguém que se reivindica como mediador e porta-voz de mensagens divinas como anúncio de situações vindouras.

Estas mensagens eram recebidas na forma de sonho ou êxtase tendo um caráter de reprimenda e advertência aos líderes de Israel (os reis, pois geralmente ocorreram no período monárquico ou no exílio do seu povo), como explicação para situações de catástrofe, assim como de exortação a mudanças de atitude dos que incorreram em pecados contra Deus (Andrade, 2019; Sicre, 1999).

Para conhecer melhor essa realidade, desenvolvi o seguinte método: através de uma consulta em obras de caráter histórico/hermenêutico/filológico sobre Israel do antigo oriente, busquei identificar que tipos e modalidades de profecia apareciam nas análises destes teólogos, historiadores e biblistas (De Boer, 1985a, 1985b; Faria, 2016; Andrade, 2019; Sicre, 1999).

A partir destas leituras, cheguei a uma constatação de que o profetismo na antiguidade dizia respeito tanto a dinâmicas sociais e políticas, mas também a processos de produção de identidade do povo de Israel marcadas pelo contraste e distinção em relação a uma alteridade estrangeira.

Minha hipótese no que tange as distintas interpretações do profetismo judaico antigo pelas correntes teológicas cristãs e suas igrejas no Brasil atual, é que segmentos progressistas se apropriaram do profetismo, como uma expressão religiosa da ideia de justiça social (Mesters, 1987, 2008, 2016; Reimer, 2008). Por sua vez, correntes conservadoras identificaram nele o referendo divino a ideia de eleição e escolha exclusiva de um povo por Deus-Javé. Neste segundo caso com condutas e prescrições que separavam os puros e eleitos dos ímpios e iníquos.

E como derivação disto, considero que a interpretação da profecia no Antigo Testamento pela teologia cristã progressista se embasa em um caráter *político-social*. Ao passo que a interpretação realizada pelas correntes cristãs conservadoras, tendo os grupos evangélicos como destaque, centrou-se num caráter *identitário-moral*

Outra contribuição, mais acadêmica, foi a que nos ofereceu Max Weber na sua definição sociológica da figura do profeta. Para Weber, do ponto de vista fenomênico o profeta produz sua “revelação” divina na forma de “oráculo” ou “como inspiração no sonho” (Weber, 1991, p. 303). Ele se distingue de dois outros tipos de sua tipologia: o sacerdote e o mago. Em relação ao sacerdote o que os distingue é que o profeta tem sua autoridade fundada em uma “revelação pessoal”, no seu “carisma” ao passo que o sacerdote baseia sua autoridade na “tradição” religiosa. Por isso o profeta é um contestador em relação ao poder eclesiástico institucional eclesiástico e político. Em relação ao mago e muitas vezes ao sacerdote, a mensagem do profeta tem “caráter gratuito” não necessitando “remuneração” (Weber, 1991, p. 304).

Neste texto não vou considerar a interpretação do profetismo de Israel feita pelas correntes progressistas cristãs do Brasil contemporâneo (Mesters, 1987, 2008, 2016; Reimer, 2008), pois meu foco, para tentar compreender a proliferação de visões, revelações e predições que alimentam um tipo de visão religiosa da política e da sociedade, é a apropriação deste profetismo por correntes conservadoras evangélico-pentecostais.

2 O exclusivismo do povo-eleito como prática de intolerância no Antigo Testamento

Para realizar o empreendimento de localização histórica do fenômeno do profetismo, começo por descrever o contexto onde a profecia cumpria o papel de referendar o pacto de exclusividade de Deus com o seu povo escolhido, os israelitas. As profecias visavam assegurar a aliança seletiva de Javé com seu povo eleito, na sua determinação de proibir o culto a outros deuses e na consideração de que esta prática significava uma idolatria, adoração a “falsos deuses”.

As profecias de Isaías admoestavam os israelitas pela violação do pacto com o Deus único pelos cultos praticados a Baal; as de Oséias anunciavam que Israel “tornou-se prostituta abandonando Javé” (Armstrong, 1994, p. 53-58). Mas foi na compilação conhecida como Deuteronômio, que a ideia da aliança de Javé com seu povo escolhido, expressa sua forma mais acabada no triunfalismo deste povo por sobre os demais. Através deste “Livro da Lei”, que foi veiculado no reinado de Josias de Judá no ano 622 AC pelo sacerdote real Shapan junto com o profeta Hulda, se consolida a ideia da aliança exclusiva com o povo judeu na completa lealdade deste a Javé, com a consequente separação radical de Israel e dos “goyim” (estrangeiros), do fim de qualquer intercâmbio com estes (como casamentos mistos) e da erradicação das outras religiões (como no caso dos cananeus) (Armstrong, 1995, p. 63-65).

Esta auto-concepção dos israelitas como ungidos por Javé como o povo eleito, expressa no Deuteronômio, foi a base para a reescritura do livro de Êxodo, que justificava a ocupação da terra prometida através de uma “guerra santa” contra os antigos habitantes de Canaã, os cananeus, com isso se dando a expulsão destes do seu território por Josué, o herói bélico do Pentateuco (Armstrong, 1994, p. 64-65). Sintomaticamente, podemos compreender o motivo do expansionismo do moderno Estado de Israel por sobre territórios palestinos de 1948-2023, como fundamentado nestas crenças religiosas milenares.

Além disso, práticas sincréticas adotadas por reis de Israel anteriores ao deuteronômio, na forma dos cultos a outros deuses de Canaã, como o da deusa Asherah (considerada na religião popular

nativa como esposa de Javé e símbolo de fertilidade) foram banidas e suas estátuas nos santuários de todo Israel foram destruídas (Armstrong, 1994, p. 63-64).

Aqui chega-se à conclusão de que o monoteísmo consolidado derivou na intolerância, controle e monopólio. Para Armstrong, o culto pagão anterior de Canaã era “essencialmente tolerante (...) sempre havia um lugar para mais um deus no panteão tradicional” (Armstrong, 1994, p. 60). A ideia da eleição e separação de Israel enquanto espaço sagrado do resto dos outros povos considerados profanos/impuros, levou a uma série de prescrições exigidas aos israelitas para que estes se mantivessem impolutos, como suas leis dietárias dos mitzvots do Deuteronômio. Instituiu-se, portanto, uma cultura e um simbólico da separação hierárquica: “o leite da carne, o limpo do impuro e o shabat do resto da semana” (Armstrong, 1995, p. 75).

3 O profetismo do Antigo Testamento com fonte da intolerância religiosa e de gênero

Baseados numa reprodução destas concepções exclusivistas de profetas do Antigo Testamento, aqueles, que, no meio evangélico brasileiro atual se reivindicam como os enunciadores de profecia, dizem ter estas revelações de Deus, na forma de visões oníricas ocorridas em retiros ou “subidas no monte”.

É devido a esta experiência extática que adquirem uma autoridade carismática, segundo a tipologia sociológica de Weber, o que legitima aquilo que anunciam pela força extraordinária de sua enunciação. Por isso, muitas vezes (mas, não somente), escolhem a autodenominação de apóstolos ou missionários ao invés de um título institucional hierárquico de pastor ou bispo

Da mesma maneira, de acordo com a narrativa veterotestamentária descrita acima pode-se constatar a identificação das correntes evangélicas intransigentes com a profecia que revela um Deus exclusivista, zeloso e “ciumento” do seu “povo escolhido” (Armstrong, 1994, p. 63), que deve fidelidade apenas a Ele: “Não terás outros deuses além de mim! ”.

A partir do conteúdo da mensagem do Antigo Testamento, a leitura evangélico-pentecostal reconhece o profeta como aquele que foi interpelado e escolhido por Javé para advertir que as catástrofes ocorridas com o povo de Israel (guerras, mortes, fome) se deveram ao rompimento da aliança que possuíam com ele. E isto pelo fato, de que se misturaram com as religiões de outros povos mediterrâneos, cometendo iniquidades, ao praticar o culto de outras divindades como Baal ou a deusa Asherah.

Esta visão dicotômica identifica “tudo o que se opõe à moral, à ética e à doutrina” que professam como “malévolo, amaldiçoado ou demoníaco” e “nesse sentido, merece ser destruído” foi assumida de forma integral pelas correntes evangélicas intransigentes (Rodrigues, 2021, p. 32). Através destas narrativas bíblicas, noções bélicas se incorporaram na imagética e no léxico cotidiano evangélico-pentecostal. Magali Cunha afirma que nestes casos “prevalecem às referências da Teologia Monárquica do Antigo Testamento bíblico, como o trono, o véu que separa o altar, a simbologia do Leão” (Cunha, 2019).

Portanto acoplado ao estoque de imagens e símbolos que dão sentido à vida desta população, existe também uma inculcação de uma mentalidade de confronto e discriminação para com outros modos de ser que os circundam e interagem com eles: religiões afro-brasileiras, cultura do samba, do carnaval e da boemia.

Pierre Sanchis, no seu texto “O repto pentecostal”, considerava que o segmento evangélico-pentecostal praticava um “monoteísmo” que se auto intitulava do “bem” se demarcando de um “poli-centrismo/politeísmo” das outras religiões, classificado por estes como do “mal” (Sanchis, 1994, p. 50).

Não é preciso dizer que o combate ao sincretismo da “religião popular” (entre os deuses da região do Canaã e o culto de Javé) levado a cabo pela elite sacerdotal monoteísta (Rodrigues, 2021, p. 39), secundada pelos profetas do exclusivismo, como Hulda é o decalque para a “guerra santa” movida pelas igrejas neopentecostais contra as religiões afro-brasileiras. É impossível não ver, na destruição dos objetos rituais e símbolos da fertilidade e na derrubada da “grande efígie da deusa Asherah” do politeísmo popular de Israel antigo (Armstrong, 1994, p. 64) a réplica dos

apedrejamentos, remoções e destruições dos terreiros de Umbanda e Candomblé, perpetrados pelas milícias dos “traficantes evangélicos”, auto-denominados de “Complexo de Israel” (com insígnias e bandeiras com a estrela de David), nas periferias do Brasil atual.

O que estou pretendendo mostrar baseado em análises teológicas contemporâneas é que a fundamentação para a intolerância religiosa e de costumes levada a cabo por lideranças evangélico-pentecostais tem como pano de fundo a leitura do Deuteronômio e do Levítico. Lá, prevalece uma ideia de um Deus punitivo que atribui pecado a tudo, ao contrário de uma hermenêutica bíblica contemporânea que incorpora as mediações da modernidade, das transformações históricas e culturais da contemporaneidade. Esta leitura não leva, portanto, em conta a flexibilidade colocada pelo Novo Testamento que derroga a visão autoritária do Antigo em prol do perdão e da misericórdia.

Portanto, a reprovação, repulsa e combate a alteridade por parte de grupos evangélico-pentecostais, fruto do exclusivismo monoteísta, além de visar outras religiões, consideradas idólatras, atinge também comportamentos morais sexuais e concepções de gênero e de família (feminismo, direito ao aborto, direitos LGBTQIA+, família não patriarcal).

Segundo Rodrigues (2021, p. 38-39),

o apagamento do sagrado feminino (isto é, a imagem da Deusa Asherah) dentro da Tradição Judaico-Cristã (...) resultou em profundas consequências nas relações entre os gêneros no Ocidente, impondo regulamentações e tabus para os corpos de mulheres e homens.

Igualmente para Karen Armstrong (1994, p. 61), estudiosa do Oriente antigo, no período do Deuteronômio,

(...) a sociedade de israelita também assumia um tom mais masculino” (1994, p. 61). [Antes] “ as mulheres eram vigorosas (...) iguais a seus maridos (...) Débora comandara exércitos”, mas “depois que Javé venceu outros deuses e deusas de Canaã (...) e se tornou seu único Deus, sura religião seria dominada quase inteiramente por homens.

Para Rodrigues, o movimento pentecostal reproduz, na figura do “Deus masculino e exclusivista” a imposição do “imperativo masculino da dominação pela força, pelo poder, pela opressão e pela hierarquização das relações”, que “legitima simbolicamente as sociedades patriarcais e as desigualdades sociais entre homens e mulheres” (Rodrigues, 2021, p.39).

Outros exemplos de discriminação contra o segmento LGBTQIA+, podem ser lembrados nas medidas tomadas pelo então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, bispo da Igreja Universal do Reino de Deus em nome dos “princípios morais cristãos”, como o cancelamento de uma exposição de arte gay em um museu público na prefeitura e na ordem para recolher um livro de história em quadrinhos que retrata um beijo gay, na Bienal do Livro de 2019.

Também existiram derivações políticas deste imaginário bíblico como o apoio do governo Bolsonaro secundado pela bancada evangélica para a proposta de mudar a embaixada do Brasil em Israel de Tel Aviv para Jerusalém,² acompanhando a política dos EUA de Donald Trump sob a argumentação de que o fortalecimento de Israel e de Jerusalém é importante para o cumprimento da profecia do Armagedom nesta região. Armagedom indicaria lugar geográfico entre Damasco e o Mediterrâneo e segundo o relato do Livro do Apocalipse 16:16 será o lugar da batalha escatológica entre os filhos da luz ou filhos de Israel e os filhos das Trevas ou de Belial (Rodrigues, 2021, p. 32).

4 As “profecias” bolsonaristas no limite entre a ideologia, a impostura e a fraude

As revelações embutidas nas visões ditas proféticas irromperam na vaga ultraconservadora contra a liberação nos costumes,

2 Esta ação empreendida pelo governo Trump, atendeu ao clamor dos evangélicos-fundamentalistas dos EUA e dos judeus religiosos ortodoxos em Israel, para quem a cidade mítica de Jerusalém e não a capital laica e administrativa do Estado de Israel em Tel Aviv, era de fato, o centro pulsante da nação judaica. Os evangélicos-pentecostais brasileiros sob o governo Bolsonaro acompanharam esta proposta, pelos mesmos motivos.

políticas de gênero e a própria ciência através de uma instrumentalização da política e projetos de poder pela extrema direita (religiosa).

Não vamos agora nem mencionar as predições ufanistas feitas pelo bispo Macedo ou Silas Malafaia proclamando antecipadamente a vitória de Bolsonaro na eleições presidenciais de 2022, mas certas profetizações que resvalam num quadro patético, como as que aparecem no vídeo do Youtube dos “Galãs Feios”, “De Edir a Malafaia, pastores erram profecias sobre Jair Bolsonaro”.

Dentre estas a do pastor Guilherme Batista que em uma pregação para sua igreja cita Juízes 10:3 – “depois dele veio Jair de Gileade que liderou Israel por 22 anos”, numa alusão de que o destino político de Bolsonaro já estava previsto no texto sagrado. Ou a de um pastor que declara no palco que teve uma visão de um anjo enorme carregando uma bandeira do Brasil com letras de ouro com os dizeres “Brasil: minha vontade é Jair Messias”

O próprio Bolsonaro compartilhou um vídeo nas suas redes sociais, onde o pastor congolês Steve Kunda, no programa de TV evangélico do pastor Cássio Miranda, fez a profecia, de que ele, Bolsonaro era “um enviado de Deus” para a presidência. Segundo o pastor na entrevista:

Na história da bíblia, houve políticos que foram estabelecidos por Deus. Um exemplo quando falam do imperador da pérsia Ciro. Antes do seu nascimento, Deus fala através de Isaías: ‘Eu escolho meu sérvio (sic) Ciro’. E senhor Jair Bolsonaro é o Ciro do Brasil, você querendo ou não.

E reivindicando o mandato divino com suporte em referências do Antigo Testamento, ele concluía instruindo a quem ouvia a sua “profecia” para apoiar Bolsonaro, pois esta era a vontade de Deus:

Falo da parte de Deus. Vocês aceitando ou não (...) o senhor Jair Bolsonaro é o Ciro do Brasil. Deus o escolheu para um novo tempo, para uma nova temporada no Brasil (...) juntem as forças e sustentem esse homem. Orem por ele, encorajem-no, não façam oposição (Doria, 2019).

Dando prosseguimento a este roteiro que esbarra numa manipulação ideológica grosseira, apresento uma proliferação de pretensas visões e revelações ocorridas no pós-eleição presidencial de 2022.

Em fevereiro de 2023, o site da BBC News Brasil exibiu a seguinte reportagem: “Pastores usam profecias e revelações para convocar ‘guerra santa’ por Bolsonaro”. Na mesma data, o documentário “Profetas do bolsonarismo: como a religião foi usada no 8 de janeiro”, da BBC, conduzido pelo jornalista João Fellet, foi publicado no Youtube (Fellet, 2023). Em ambas as reportagens, de fato, correspondentes e complementares (uma com matéria escrita e outra com imagens e depoimentos) eram apresentadas figuras do meio pentecostal que haviam tido “visões” com “revelações” que previam catástrofes e caos no Brasil do recém empossado governo Lula.

Sandro Rocha, líder da Igreja Porto de Cristo no Paraná com 500 mil seguidores no Youtube, segundo a reportagem ligado ao Gal. Augusto Heleno ex-diretor da ABIN no governo Bolsonaro, disse ter tido uma revelação onde via o STF queimado, quatro pessoas enforcadas e o Anjo de Deus com uma espada em posição de ataque contra este poder da república. Também que teve uma visão de torres de energia destruídas pela vontade de Deus. No vídeo, ele afirma que viu na sua revelação o exército marchando para a guerra e que “muita gente vai morrer, irmãos vão se matar”.

A pastora Valdirene Moreira de Guarapari com 300 mil seguidores no YouTube, que participou dos bloqueios a rodovia BR-101 em protesto contra o resultado das eleições que deram a vitória de Lula, profetizou uma “guerra santa” contra o presidente eleito que segundo ela, tinha feito um “pacto com o diabo”. Em vídeo no Youtube afirmou que no passado, Deus havia permitido a violência contra os maus e iníquos, numa clara remissão as passagens bélicas do Antigo Testamento.

Marcelo Carvalho, do Ministério Ciência da Profecia de Santa Catarina,³ com 200 mil seguidores no YouTube, afirmou ter

3 A palavra “ministério” em contexto cristão, designa: um serviço a Deus e ao próximo, que pode ser desempenhado por indivíduos ou grupos. No caso

tido uma revelação em que via rachaduras no mapa do Brasil e nossa bandeira verde e amarela se transformando em vermelha. Em complemento à sua revelação, disse fornecer um curso de Escatologia prática para sobreviver à hecatombe, no valor de R\$ 389,00.

Reginaldo Rolim, autointitulado “apóstolo” e “profeta” do Ministério Atalaia do Deus Vivo, em Fortaleza (CE) também afirmou ter tido uma revelação em que via uma conspiração de demônios e espíritos malignos ocultos penetrando nas instituições da república (Fellet, 2023).

Enfim, o que pode ser constatado por meio da reportagem e do documentário da BBC News é que muitas destas ditas “visões” e “revelações” antecipam ou possuem correspondência com os atos golpistas e antidemocráticos praticados contra o patrimônio público e as sedes dos poderes da República em Brasília em 8 de janeiro de 2023, como as ditas visões da destruição do STF, as explosões de torres de energia elétrica, a marcha dos soldados, todas visando um golpe de Estado contra o recém empossado governo Lula. Toda esta produção de imagens de caos e de terra arrasada: juízes da Suprema Corte enforcados, um anjo vingador investindo contra os poderes da república; sedes do congresso e do STF em ruínas, o solo do Brasil rachado, a bandeira verde amarela transformando-se em vermelha, mortes, sangue e destruição, indicam a intenção de causar no imaginário da população, alarmismo e terror.

Além deste anúncio de catastrofismo político se juntarmos outro, o catastrofismo de costumes, na forma de imagens contra feministas, gays e LGBTQIA+, como mostrei acima, aludindo a “prostituição” de Israel contra Javé, como se estas práticas identitárias e de defesa de direitos, fossem levar a destruição da família e da sociedade, chega-se a ideia de “pânico moral” (Cohen, 1972). Como se estas transformações sociais e conquistas de direitos para setores estigmatizados da população fossem levar à destruição da família e do tecido social (Cohen, 1972).

destes grupos evangélico-pentecostais em foco, ela diz respeito a articulações informais, menos institucionalizadas que as igrejas, para a promoção de pequenas lideranças e seus propósitos.

Outro indicador que confirma meu argumento de uma certa desinstitucionalização destes agentes – intitulam-se mais como “apóstolos” ou “missionários” que pastores ou bispos – é que muitos destes emissores de “profecias” são *youtubers* e *influencers*, logo com menos ligação institucional com igrejas evangélicas. Segundo o cientista político Vinicius Valle, do Observatório Evangélico, convidado para opinar na reportagem da BBC News, estes “visionários” são mais comunicadores do que gestores de igrejas estabelecidas e quanto mais espontânea for sua mensagem, mais descompromissada de responsabilidades institucionais. Para o cientista político, a razão da radicalização extremista evangélica destes grupos e seus porta-vozes vem do fato que eles se encontram mais nas redes sociais de forma avulsa e fragmentada do que nas igrejas institucionais. Eles não possuem amarras institucionais para disseminar suas *fake news* e conclamar ações antidemocráticas por meio da “revelação” religiosa, se os compararmos com os pastores e parlamentares vinculados a igrejas sediadas na sociedade com seus “direitos e deveres”. Ainda no caso dos parlamentares evangélicos, estes estão submetidos ao Código de Ética do Congresso e dos pastores vinculados a igrejas e a processos nos foros da Justiça civil.

De fato, muitas destas ações delituosas em consonância com as ditas visões e profecias estão sendo alvo de inquéritos, indiciamentos e prisões por parte do MPF e do STF. E como consequência a tendência é que parlamentares e forças evangélicas institucionalizadas busquem afastar-se destas iniciativas ou que no caso de alguns diretamente vinculados ao bolsonarismo, procurem travestir seu apoio como no direito à “liberdade de expressão”, mas criticando possíveis excessos. Além disso, como constata o cientista político à BBC, esses visionários “recebem mais dinheiro pelos canais do que por díizimos”, mostrando o caráter empresarial e lucrativo da atividade. E aqui, relembro a propaganda do curso pago de Escatologia anunciado logo após sua revelação catastrófica, pelo pastor Marcelo de Carvalho.

5 Considerações finais

Na tipologia sociológica de Max Weber que enunciei no início deste artigo, constata-se que embora profeta e mago possuam sua autoridade baseada em um “carisma”, o primeiro funda seu carisma num modo “ético” – adverte sobre o castigo divino como repreensão aos poderosos que acumulam bens e empreendem corrupção; ao passo que o segundo legitima sua ação em um “carisma mágico” para a resolução de problemas de sua clientela (Weber, 1991, p. 303-304). O mago produz suas revelações em busca de “remuneração” e suas revelações se encontram à serviço da aprovação pelas “assembleias dos chefes de clã”. Por sua vez, as revelações do profeta são “caráter gratuito” e não estão submetidas a nenhuma autoridade, nem poder terreno (Weber, 1991, p. 304).

Então dentro da tipologia sociológica weberiana, seria possível interpretar que as “profecias” destes *youtubers* evangélicos aproximaria sua ação social da “magia” ao invés de “profecia”. Isto devido às características de suas “revelações”: de utilitarismo, usufruto financeiro e vinculação a um projeto de poder.

Em sentido diferente, mas correlato, Armstrong adverte que as “teologias de eleição” que percorrem a história do monoteísmo, são aquelas que levam às “guerras santas” (1994, p. 65). Nestas, ao invés “de fazer de Deus um símbolo para obrigar-nos a contemplar nossas próprias deficiências”, Ele é usado “para endossar nosso ódio egoísta e torná-lo absoluto”, “faz-se Deus agir exatamente como nós” (1994, p. 65). Numa mesma linha de pensamento, Frei Betto, evoca sua concepção de profetismo e também de idolatria segundo a Teologia da Libertação/CEBs, que classifiquei mais acima neste texto, como de tipo “político-social” – mas que não desenvolvi pois dei destaque ao tipo de concepção moral-conservadora de profecia/idolatria desenvolvidas pelos segmentos evangélicos mencionados. Betto afirma que no Antigo Testamento “o que preocupa os profetas é a idolatria, esses deuses criados segundo os interesses humanos. Ainda hoje há muita idolatria por aí”. E passa a discorrer sobre as diversas opressões cometidas “em nome de Deus” (Betto, 1985, p. 64).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Almir Lima. **Do êxtase à ética**: movimento profético e suas apropriações pela teologia protestante no início do século XX. 2019. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12258/2/ALMIR_LIMA_ANDRADE.pdf>. Acesso em: 16 out. 2023.

ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**. Quatro milênios de busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BETTO, Frei. **Fidel e a religião**: conversas com Frei Betto. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BIENAL do Livro, Crivella, Vingadores e censura: saiba o que aconteceu. **Terra**, 6 set. 2019. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/bienal-do-livro-do-rio-crivella-vingadores-e-censura-saiba-o-que-aconteceu,4cb33b1f3d78248068d45b9071aaf700uqwxmojo.html>>. Acesso em 13 out. 2023.

CARRANZA, Brenda; MACHADO, Maria das Dores Campos; MARIZ, Cecília Loreto. Sionismo Cristão. In: REIS, Lívia, NOVAES, Regina, CUNHA, Magali, OWSIANY, Larissa (Eds.). **Dicionário para entender o campo religioso**. Rio de Janeiro: ISER, 2023, p. 209-213.

COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panics**. London: MacGibbon & Kee, 1972.

CUNHA, Magali. Evangélicos crescem no Brasil, mas a fé cristã diminui. **Carta Capital**, São Paulo, 6 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/evangelicos-crescem-no-brasil-mas-a-fe-crista-diminui/>>. Acesso em: 13 out. 2023.

DE BOER, Martinus. A influência da apocalíptica judaica nas origens do cristianismo: gênero, cosmovisão e movimento social. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v.1, n.1, p. 11-24, 1985a.

DE BOER, Martinus. Escatologia apocalíptica judaica e o Novo Testamento. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v.1, n.1, p. 85-104, 1985b.

DORIA, Gabriela. Bolsonaro posta vídeo em que pastor diz que Deus o escolheu. **Pleno News**, 19 mai. 2019. Disponível em <<https://pleno.news/brasil/politica-nacional/bolsonaro-posta-video-em-que-pastor-diz-que-deus-o-escolheu.html>>. Acesso em 13 out. 2023.

FARIA, Jacir de Freitas. **Profetas e profetisas na Bíblia**: história e teologia profética na denúncia, solução, esperança. São Paulo: Paulinas, 2016.

FELLET, João. Profetas do Bolsonarismo: como a religião foi usada no 8 de janeiro. **BBC News Brasil**, Youtube, 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QVLYafGRvA4>>. Acesso em: 16 out. 2023.

FROSSARD, Miriane Sigiliano. **Caminhando por terras bíblicas**: religião, turismo e consumo nas caravanas evangélicas para a Terra Santa. 2013. 416 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufff.br/jspui/handle/ufff/1032>>. Acesso em: 16 out. 2023.

GALÃS FEIOS. De Edir a Malafaia, pastores erram profecias sobre Jair Bolsonaro. **Galãs Feios**, Youtube, 1 nov. 2022. 9min27s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9fN1RWYdv-k>>. Acesso em 13 out. 2023.

LIVRO DO APOCALIPSE DE SÃO JOÃO. **Bíblia Sagrada**, 16:16, Editora Paulus, 1990.

MESTERS, Carlos. **Profeta Elias**: homem de Deus, homem do povo. São Paulo: Paulinas, 1987.

MESTERS, Carlos. **Os profetas e a saúde do povo**. São Leopoldo: CEBI, 2008. (Série A Palavra na Vida, n. 43)

MESTERS, Carlos. **O profeta Jeremias**: um homem apaixonado. São Paulo: Paulus; CEBI, 2016.

REIMER, Haroldo. Profetismo. In: BORTOLLETO, Fernando Filho; SOUZA, José Carlos; KLIPP, Nelson (Eds.). **Dicionário brasileiro de Teologia**. São Paulo: Aste, 2008, p. 813-816.

RODRIGUES, Elisa. **Religion and politics**: the pentecostal participation in da Religião, Belo Horizonte, v. 19, p. 24-47, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/25872/18582>>. Acesso em: 16 out. 2023.

SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 34-63.

SCOLA, Jorge. A teledramaturgia bíblica pela TV Record: sentidos e mediações a partir da produção da mensagem? **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Buenos Aires; Porto Alegre, v. 27, p. 41-71, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/download/8669763/29071/125320>>. Acesso em: 16 out. 2023.

SICRE, José Luis. Profetismo. In: SAMANES, C. F; TAMAYO ACOSTA, José (Eds.). **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999, p. 654-663.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

SWATOWISKI, Cláudia Wolf. A Arca da Aliança em Angola: Conectando uma Rede Transnacional de templos. In: **32ª Reunião Brasileira de Antropologia**, ABA; UERJ. Mesa Redonda: Trajetórias globais das religiões brasileiras: novas esferas, 2020.

VELHO, Otávio. **Besta-Fera**: recriação do mundo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

WEBER, Max. Dominação Carismática. In: WEBER, Max. **Economia e Sociedade**, v. 1. Brasília: Editora UnB, p. 158-166, 1991.